

CAPÍTULO 1.2.

Análise material: origens e percursos

Material analysis: origins and pathways

Nilton Gamba JÚNIOR^{5.)}
Simone FORMIGA^{6.)}

Resumo

Os Bate-Bolas são brincantes de uma manifestação cultural que acontece no subúrbio da cidade do Rio de Janeiro durante o carnaval. O Dhis – Laboratório de Design de Histórias, pertencente ao Programa de Pós-graduação em Design do Departamento de Artes & Design da PUC-Rio – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, possui um projeto intitulado Mascarados Afroiberoamericanos, que vem investigando, através do olhar do Design, uma série de questões relacionadas a essa manifestação, considerada, por nós, inserida no campo da arte e da cultura popular. No nosso entendimento, o Design, quando debruça seu olhar sobre a arte e a cultura popular e material, pode contribuir com registros dos processos e das análises estéticas com o objetivo de identificar as relações entre os Bate-Bolas e os rituais inverniais com máscaras em Portugal. Quais são as semelhanças e as diferenças? Como se dão as relações de gênero na manifestação carioca e nos rituais ibéricos? Essas são algumas das questões que estão sendo investigadas e que serão apresentadas nesse paper.

As investigações desenvolvidas por nosso projeto dizem respeito a questões como calendário dos festejos e suas relações; o período histórico em que estão inseridos, ou seja, quando surgem e como; acessórios que fazem parte das indumentárias/fantasia/fatos e suas semelhanças e diferenças, assim como o que representam no campo do simbólico. Vamos abordar, também, as questões acerca da inserção, de uma forma ativa e participativa, das mulheres nesses rituais, fato esse muito recente, porém muito representativo.

Palavras-chave: carnaval, Bate-Bolas, gênero, Rio de Janeiro, Portugal

Abstract

The Bate-Bolas are players in a cultural event that takes place in the suburbs of the city of Rio de Janeiro during Carnival. Dhis – Stories Design Laboratory, belonging to the Postgraduate Program in Design of the Department of Arts & Design at PUC-Rio – Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro, has a project entitled Mascarados Afroiberoamericanos, which it has been investigating through the perspective of Design, a series of issues related to this manifestation, considered by us as part of the field of art and popular culture. In our understanding, Design, when it focuses on art and popular and material culture, can contribute with records of processes and aesthetic analysis with the aim of identifying the relationships between Bate-bolas and winter rituals with masks in Portugal. What are the similarities and differences? How do gender relations take place in Rio de Janeiro manifestation and in Iberian rituals? These are some of the issues that are being investigated and that will be presented in this paper.

The investigations carried out by our project concern issues such as the calendar of festivities and their relationships; the historical period in which they are inserted, that is, when they arise and how; accessories that are part of the clothing/fantasia/suits and their similarities and differences, as well as what they represent in the symbolic field.

We will also address issues about the reinsertion, in an active and participatory way, of women in these rituals, a very recent, but very representative fact.

Keywords: carnival, Bate-Bolas, gender, Rio de Janeiro, Portugal

⁵⁾ Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio - Brasil E-mail: gambajunior(at)gmail(dot)com.

⁶⁾ Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio - Brasil E-mail: simone.formiga(at)infolink(dot)com(dot)br



1. Introdução

O DHIS – Laboratório de Design de Histórias, que pertence ao programa de Pós-graduação do Departamento de Artes & Design da PUC-Rio, atualmente está envolvido em um projeto de pesquisa intitulado *Mascarados Afroiberoamericanos* e possui colaboração internacional que abrange algumas instituições nacionais e internacionais. O projeto de pesquisa em questão visa refletir sobre aspectos socioculturais relacionados às tradições de mascarados (caretos) no seu fluxo histórico nos continentes da Europa (Península Ibérica), África (Países Lusófonos) e América (América Latina).

Tem como objetivo criar um sistema interdisciplinar de documentação, registro, análise, curadoria, sustentabilidade e difusão das manifestações dos mascarados (caretos) no carnaval com estratégias de memória, difusão e sustentabilidade das manifestações brincantes, não só inovadoras, mas também colaborativas, atualizáveis e sustentáveis.

2. Máscara

Máscaras dizem respeito à identidade, ou melhor, à troca de identidade ou mesmo à dissimulação da identidade.

No volume sobre Mogadouro da coleção **Rituais com máscaras em Portugal**, um projeto da Progestur, Antero Neto diz o seguinte:

A simbologia associada às máscaras não é inócua. Toda ela encerra um conjunto de significações que ajudam a enquadrar as figuras aparentemente demoníacas na lógica que se vem descrevendo. Os símbolos encerram em si mesmos uma multitude de significados que proporcionam várias leituras. Contêm em si um significante e um significado. Por significante, entenda-se aquilo que se vê; que se observa ao olhar para uma máscara. Por seu lado, o significado encerra aquilo que as figurações visíveis **efetivamente querem representar** (grifo nosso). [...] Nas avisadas palavras de Sofia Maciel, as máscaras 'são elementos culturais com uma profunda carga simbólica, que não se dão a conhecer de imediato naquilo que representam'. São simultaneamente objetos mágicos e religiosos, pois têm a faculdade de conduzir a comunidade para universos distintos da realidade profana e quotidiana. Revelam-nos uma linguagem oculta que materializa o espírito de uma determinada comunidade: os seus anseios, os seus medos, os seus costumes e as suas tradições. Elas são também depositárias das memórias rituais e míticas dos ancestrais. Reconciliam o homem moderno com as suas origens remotas, potencializando a continuação e perpetuação da sua história enquanto entidade étnica e social (Neto, 2015, p. 18).

Como podemos observar, apesar dos materiais e das técnicas utilizadas para a confecção das máscaras serem diferentes, a representação do “demoníaco” é comum a, praticamente, todas essas manifestações.

A palavra 'máscara' provém do étimo árabe *maskhara*, que é o mesmo que *zombaria*. A explicação etimológica desta palavra encontra-se igualmente relacionada com o étimo grego *prosopon*, que em latim evoluiu para *persona*, que quer dizer rosto, pessoa máscara ou personagem de teatro. Ou seja, é um objeto



através do qual se consegue a assunção de um outro ser, ocultando a verdadeira identidade do seu portador. A máscara permite expressar e dissimular sentimentos e figurações distintas da realidade material (Ferreira, 2015, p. 18).



Figura 2. Máscaras de Bate-Bolas de épocas diferentes (na parte superior) e máscaras de três festejos de mascarados em Portugal, a primeira de Lazarim, a segunda de Vila Boa de Ousilhão e a terceira de Mogadouro (na parte inferior) Fonte: Os autores.

3. Bate-Bolas, um pouco da sua história

Os Bate-Bolas surgem na periferia da cidade do Rio de Janeiro nos anos de 1930, mais precisamente na região de Santa Cruz, um subúrbio (periferia) carioca e é uma manifestação urbana, diferentemente das manifestações em Portugal que são manifestações rurais, pois são provenientes das manifestações pagãs que estavam ligadas aos ciclos da agricultura e acasalamento. A região de Santa Cruz é majoritariamente habitada por classes populares. Nos anos e 1930, instala-se em Santa Cruz um hangar do Zepelim, havia um matadouro e acontece a construção de uma estrada de ferro/ferrovia para dar escoamento de produtos até o porto de Mangaratiba. Assim, por conta desses eventos, a imigração de alemães, portugueses, espanhóis e asiáticos foi expressiva neste período – o que certamente influenciou a origem híbrida dos Bate-Bolas cariocas.

Nossas pesquisas indicam para fortes indícios das influências das manifestações com máscaras em Portugal, assim como outras manifestações europeias. Nesse caminho, estamos a trabalhar com o objetivo de traçar essas relações com o propósito de estabelecermos quais foram as influências, como os Bate-Bolas se apropriaram dessas referências e como as transformaram para as suas realidades. Temos que ter em mente que as influências e as referências vieram de um modus operandi rural do hemisfério norte e foram “adaptadas” para uma localidade urbana do hemisfério sul. Logo, apesar da diferença entre o rural europeu e a periferia da segunda maior cidade brasileira, temos uma grande diferença climática. Enquanto em Portugal o carnaval acontece no auge do inverno, no Rio de Janeiro o carnaval acontece no auge do verão. As temperaturas chegam a ultrapassar os 40°C. Essas são variáveis que não temos como descartar.



Figura 3. Figura 2: Imagens de clovis/ Fonte: Os autores.
Bate-Bolas nos anos de 1970

É só nos anos de 1980 que os Bate-Bolas começam a se organizar em turmas e a estabelecer uma fantasia única para todos os participantes e um “tema” para as fantasias da “turma”. Antes, as fantasias eram individuais e mais associadas às brincadeiras de assustar. Atualmente, o tema diz respeito a uma inspiração acerca de um personagem pertencente à cultura pop, ou mesmo uma questão relacionada aos acontecimentos cotidianos. A cada ano, os temas mudam e devem ser sempre um elemento surpresa, ou seja, uma turma não deve saber qual será o tema das outras turmas. De certa forma, há uma rivalidade entre as turmas, pois existe uma competição atualmente, um concurso promovido pela prefeitura (Câmara) da Cidade do Rio de Janeiro para premiar a “melhor” turma de Bate-Bola.

3.1. Trajes e estilos

Os trajes/factos das turmas de Bate-Bolas atualmente são compostos por um macacão volumoso, uma casaca, uma máscara telada que cobre todo o rosto e uma peruca. Estes elementos podem variar bastante em modelagem, cores, desenhos, estampas e materiais, tudo vai depender do “estilo” de cada turma e do tema escolhido para aquele ano. Além disso, os adereços e acessórios que compõem a fantasia podem incluir: sapatinha ou tênis, capa, bola, bandeira, sombrinha, bicho de pelúcia, luvas, meias etc.

A presença desses elementos depende do estilo da fantasia. A evolução das questões relacionadas aos “estilos” das fantasias e às caracterizações das turmas já muito se distancia das características por nós observadas dos “estilos” das fantasias/factos das manifestações de rituais com máscaras em Portugal. Em Portugal identificamos estilos de fantasias/factos diferentes entre as diversas manifestações, ou seja, entre uma manifestação de uma aldeia e de outra. Já nos Bate-Bolas no Rio de Janeiro, atualmente, encontramos diferentes “estilos” de fantasias/factos para a mesma manifestação. Porém todas, provavelmente, evoluções e transformações das fantasias/factos de algumas das manifestações de mascarados ibéricas.

As manifestações dos Bate-Bolas, a partir da forma como as turmas se organizam nos anos de 1980 eram caracterizadas pela violência, a intenção era de assustar e de criar medo nos transeuntes. Algumas turmas contemporâneas, com o propósito de se verem livres desse estigma, abriram mão das bolas/bexigas, que ao baterem no chão fazem





Figura 4. Estilos dos trajes

Fonte: Os autores.

muito barulho e assustam as pessoas, adotaram sombrinhas, que nos remetem ao frevo, manifestação carnavalesca de Pernambuco e que não carrega o estigma da violência. Somaram às sombrinhas os bichinhos de pelúcia que acabam por remeter a algo pueril e bastante “carinhoso”.

Só há cerca de dez anos as mulheres começam a ganhar espaço nas manifestações dos Bate-Bolas. Porém, diferentemente das mulheres que vão ocupar o lugar dos rapazes nas manifestações ibéricas, as mulheres no Rio de Janeiro acabam por criar seu próprio espaço. Se juntam às turmas de Bate-Bolas já existentes e criam os grupos das Bateboletes. Completamente diferentes dos Bate-bolas, apesar de suas fantasias serem baseadas nos temas das turmas em que estão inseridas, elas não usam máscaras e exibem o corpo. Isso muito difere das mulheres que atualmente se inserem nas manifestações de mascarados portugueses. Em Portugal, quando a participação das mulheres é permitida, elas devem se “transvestir” com os trajes dos rapazes.



Figura 5. Grupo de Bateboletes

Fonte: Os autores.

Como podemos perceber, no Rio de Janeiro as mulheres conquistam um espaço nas turmas de Bate-Bolas, no entanto, esse lugar é apropriado a partir da exposição do corpo o que, de certa forma, não deixa de ser uma objetificação do corpo feminino. Enquanto os homens cobrem seus corpos com muitas camadas de tecido e seus rostos com as suas máscaras, deixando-os irreconhecíveis, as mulheres se adequam às fantasias das “turmas”, seguindo a inspiração das temáticas, dos grafismos e das cores, porém revelando e enaltecendo os seus corpos. Aqui podemos considerar o que Almeida nos fala acerca da “invisibilidade” de gênero.

Mas é justamente a ‘invisibilidade’ do gênero de quem enverga a máscara que pode criar um ‘problema de gênero’, pois a função e o papel são cumpridos por corpos sem gênero. Se entendermos o gênero como o resultado de performances repetidas e habituais que criam corpos e pessoas codificados como ‘masculinos’ e ‘femininos’ e não como essências biológicas, perceberemos o potencial perturbador do vestir uma máscara que oculta esse código (Almeida, 2006, p. 69)

Enquanto o gênero feminino em Portugal se “esconde” atrás da máscara, nas manifestações dos Bate-Bolas encontramos uma “visibilidade” de gênero bastante acentuada pela não utilização de máscaras e pela exposição do corpo. Em contrapartida, podemos afirmar que o uso de máscaras e de fantasias que “escondem” o corpo masculino acabam por definir um “código” diferente, estabelecendo que quem expõe o rosto e o corpo é do gênero feminino e quem os esconde é do gênero masculino.

3.2. Semelhanças e diferenças

As máscaras e os factos dos rituais inverniais em Portugal variam bastante de manifestação para manifestação. Cada um desses rituais possui suas peculiaridades, mas todos são originários de manifestações pagãs provenientes dos ritos ligados aos ciclos da agricultura e aos ciclos de acasalamento, ou seja, à fertilidade. O que difere bastante das manifestações dos Bate-Bolas, uma vez que nasce na periferia da cidade do Rio de Janeiro e carrega com ela algumas influências nas suas configurações formais, ou seja, nas questões relacionadas às formas, materiais e cores. Com o passar dos anos vai se transformando, apesar de ainda podermos identificar as influências relativas a alguns dos ritos inverniais com máscaras em Portugal.

O primeiro deles é exatamente a questão das listras nas fantasias/factos. Em Portugal essas “listras” são realizadas com franjas de lã de cores diferentes costuradas nas mantas realizadas em teares manuais.

Já no Rio de Janeiro as “listras” são “transcritas” para um tecido estampado com elas. Não podemos esquecer que o carnaval no Rio de Janeiro ocorre no auge do verão e que o Rio é uma das cidades mais quentes do Brasil.

Outra semelhança/influência que encontramos foram as máscaras teladas.

Mais uma semelhança, por nós identificada, foi a utilização de elementos da cultura pop, ou seja, da cultura de massa. Personagens da Disney, assim como de outras esferas da cultura americana. Podemos pensar, também, acerca das marcas internacionais dos produtos utilizados pelos Bate-Bolas, que sinalizam e denunciam a influência da cultura pop.





Figura 6. Máscara telada de um Bate-Bola e máscara telada de Lazarim
Fonte: Os autores.

Os Bate-Bolas cultuam a efemeridade de suas fantasias, após o festejo as fantasias são descartadas, ou vão literalmente para o lixo ou são doadas para comunidades carentes. Não reutilizam, nem se quer, os tênis/sapatilhas, que são de marca e custam muito caro. Já em Portugal a maioria das manifestações preserva as tradições e costuma valorizar a utilização das fantasias/factos e das máscaras de uma geração para outra. No entanto, os entrudos de Lazarim diferem dessa prática. As fantasias/factos e as máscaras são efêmeras, duram apenas um carnaval, assim como as dos Bate-Bolas. A efemeridade das fantasias/factos dos Entrudos de Lazarim muito se dá em função dos materiais utilizados para as suas confeções, geralmente confeccionados com folhas, palhas e materiais extraídos da natureza. Assim como as máscaras, esculpidas em madeira. As máscaras são utilizadas no carnaval seguinte no domingo e na terça-feira os brincantes exibem suas máscaras inéditas. Logo a efemeridade das fantasias e das máscaras entre os Bate-Bolas e os Entrudos de Lazarim é um fato, no entanto por motivos muito diferentes.

Outra questão, diz respeito à competição. Não encontramos em outras manifestações de mascarados em Portugal “competições”, no entanto em Lazarim há um concurso que eleger a melhor máscara e a melhor fantasia/fato. Em Lazarim os brincantes não fazem parte de uma “turma” ou de um “grupo”, saem à rua individualmente e concorrem com suas fantasias/factos e suas máscaras individualmente. Já no Rio de Janeiro as turmas de Bate-Bolas competem entre si e ganha a melhor turma.

4. Produção e relações de gênero

Interessante perceber que tanto nos rituais com máscaras em Portugal, assim como nas manifestações dos Bate-Bolas no Rio de Janeiro, a cadeia produtiva das fantasias/factos e das máscaras segue uma lógica bastante similar: quem estabelece as diretrizes é o gênero masculino.



Figura 7. Máscara de Mikey em Lazarim e bicho de pelúcia do Pato Donald no Rio de Janeiro. Fonte: Os autores.

Em Portugal são homens que desenvolvem e projetam as máscaras, assim como se dá nas produções de máscaras das turmas de Bate-Bolas. No Rio de Janeiro, somente os homens definem os temas e os desenhos, as mulheres atuam, algumas vezes como reprodutoras das “artes” estabelecidas pelos chefes de turma ou na costura. No caso das Bateboletes, são as mulheres que configuram e desenvolvem as fantasias relativas às mulheres, mas devem seguir as determinações estabelecidas pelos líderes das turmas, que são homens.

Em Portugal são os homens que confeccionam as máscaras e são as mulheres que confeccionam as fantasias/factos. Ou seja, a confecção das máscaras diz respeito à representação da identidade, que possui grande relevância, enquanto a confecção da fantasia/fato não parece ser tão importante assim, pois estamos a falar de “rituais com máscaras”. Logo, podemos perceber que a cadeia de produção e de confecção das máscaras e das fantasias/factos da maioria dos rituais com máscaras em Portugal muito se assemelha com a cadeia produtiva dos Bate-Bolas. No Rio de Janeiro encontramos uma cadeia produtiva liderada/gerenciada pelo gênero masculino, da mesma forma que encontramos na maioria das manifestações portuguesas.

5. Conclusão

Nossos estudos e nossas pesquisas de campo apontam para muitas semelhanças/influências dos rituais com máscaras em Portugal nos festejos dos Bate-Bolas, uma manifestação cultural da periferia da cidade do Rio de Janeiro. Uma manifestação da cultura popular, assim como são as manifestações dos rituais com máscaras em Portugal. Muitos desses rituais ibéricos, atualmente, estão a passar por um processo de “objetificação/turisficação”, ou seja, estão a se tornar rituais turísticos, de forma a atrair para as aldeias “turistas” que, muitas vezes, nada entendem das razões e das raízes de tais manifestações, mas que por sua vez trazem recursos econômicos para as localidades.

Já no Rio de Janeiro, as turmas de Bate-Bolas buscam eliminar o estigma, que carregam há algum tempo, de uma manifestação violenta e que gera a violência. Lá atrás, suas intenções eram apenas de assustar a partir das bolas batidas no chão e das máscaras com representações demoníacas. Por conta dessas representações foram estigmatizadas e passaram a ser consideradas como “perigosas”. Não podemos esquecer que os Bate-Bolas são manifestações da periferia da cidade do Rio de Janeiro e já por conta desse fato costumam já sofrer preconceito.



Compreendemos que muitas pesquisas ainda devem ser realizadas e muitas questões investigadas. Há muito o que descobrir e um bom número de relações a serem estabelecidas. No entanto, acreditamos que este trabalho trata de alguns pontos relevantes e que pode, e deve trazer possibilidades para outras investigações.



Referências bibliográficas

- Almeida, M. V. (2006). Quando a máscara esconde uma mulher. In B. Pereira (Coord.), Rituais de inverno com máscara. Lisboa: Instituto Português de Museus.
- Ferreira, H. (2015). Coleção: Rituais com máscara: rota das máscaras em Portugal. Lisboa: Projeto da Projestur.
- Mira: publicado em novembro de 2015, texto de Elisa Martins Alves com revisão de Brigitte Maria Capelôa, fotografia de Elisa Martins Alves
- Caretos da Lagoa, em Mira – carnaval;
- Mogadouro: publicado em novembro de 2015, texto de Antero Neto e fotografia de Elisa Martins Alves e Hélder Ferreira
- O Careto e a Velha, em Valverde – 25 de dezembro
- O Chocalheiro ou Velho, em Vale de Porco – 25 de dezembro
- O Chocalheiro e os Velhos, em Bruçó – 25 de dezembro
- O Chocalheiro, em Bemposta – 26 de dezembro
- O Farandulo, em Tó – 1 de janeiro;
- Miranda do Douro: publicado em novembro de 2015, texto de Alfredo Cameirão (São Pedro da Silva), Mário Correia (Constantim, Vila Chã de Braciosa), fotografia de Elisa Martins Alves e Hélder Ferreira
- Festa de Santa Luzia, ou o Velho e a Galdrapa, em São Pedro da Silva – 13 de dezembro, Festa de S. João, ou Festa dos Moços, em Constantim – 27 e 28 de dezembro
- Festa do Menino, em Vila Chã de Braciosa – 1 de janeiro;
- Lamego: publicado em novembro de 2015, texto de Amândio de Castro Lourenço e Elisa Martins Alves, fotografias de Hélder Ferreira
- Entrudo, em Lazarim – carnaval;
- Macedo de Cavaleiros: publicado em dezembro de 2016
- Caretos de Podence, em Macedo de Cavaleiros – carnaval;
- Ílhavo: publicado em dezembro de 2016, texto de Elisa Martins Alves, fotografias Elisa Martins Alves e Nuno Feliz
- Cardadores de Vale de Ílhavo, em Ílhavo – carnaval;
- Vinhais: publicado em dezembro de 2018, texto de Sofia Maciel. Rui Madureira e Câmara Municipal de Vinhais
- Festa de Santo Estêvão, Ousilhão – dezembro; Festa dos Máscaros, Vila boa- carnaval e Dia dos Diabos, Vinhais – quarta-feira de cinzas

